CADERNO DE FORMAÇÃO

1

QUEM FOI SÃO FRANCISCO?

I – Uma Pequena Biografia

1. Nasce Francisco, filho de Pietro Bernardone

Filho de Pedro e Dona Pica Bernardone, Francisco nasceu entre 1181 e 1182 , na cidade de Assis, Itália. Seu pai era um rico e próspero comerciante, que seguidamente viajava para a França, de onde trazia a maior parte de suas mercadorias.

Foi de lá também que ele trouxe sua linda e bondosa esposa, Dona Pica. Foi batizado em Santa Maria Maior (antiga catedral de São Rufino) com o nome de João (Giovanni). Mas quando Pietro Bernardone voltou de uma viagem à França, mudou de idéia e resolveu trocar o nome do filho para Francisco, prestando uma homenagem àquela terra.

Sua mãe era de origem provençal: as primeiras palavras ternas e afetuosas que o menino ouviu foram francesas. Esta língua foi gravada no seu coração: assim, afirmou o seu primeiro biógrafo, Tomás de Celano: "quando manifesta a sua alegria, canta na doce língua dos trovadores da cavalheiresca Provença".

Segundo a maioria dos biógrafos de São Francisco, os padres de São Jorge lhe deram formação adequada e educação cristã. Mas o caráter e as qualidades melhores lhe vieram da mãe: meiga e firme, cristã fervorosa, toda dedicada à família.

Cedo, o garoto Francisco aprendeu do pai a arte do comércio que manejava com inteligência e proveito. Mas era um jovem alegre, amante da música e das festas e, com muito dinheiro para gastar, tornou-se rapidamente um ídolo entre seus companheiros. Adorava banquetes, noitadas de diversão e cantar serenatas para as belas damas de sua cidade. Enfim, Francisco era o líder da juventude de sua cidade

2. Conflitos entre Feudos e Comunas

A Itália, como toda a Europa daquela época, vivia uma fase bastante conflitiva de sua história, marcada pela passagem do sistema feudal (baseado na estabilidade, na servidão e nas relações desiguais entre vassalos e suseranos) para o sistema burguês, com o surgimento das "comunas" livres (pequenas cidades), com seu comércio, artesanato e pequenas indústrias. Com o novo sistema, mudaram-se as relações. O poder dos senhores feudais passou a ser questionado e enfrentado pelos novos senhores, originários das comunas, a maioria deles constituída pelos comerciantes mais abastados, a exemplo de Pedro Bernardone. Eram freqüentes nesta época guerras e batalhas entre os senhores feudais e as emergentes comunas. São conhecidas as lutas entre "maiores", isto é, a nobreza e os "minores", vale dizer, a classe emergente.

Além destas lutas, havia choques entre o Imperador, como a força civil do Sacro Império, e o Papa, como chefe espiritual, misturando nesta luta os interesses, de maneira que havia uma constante guerra, ora fria ora real. E a cidade de Assis, por sua posição geográfica no

entroncamento Alemanha-Roma, e por sua importância comercial, trocava constantemente de "dono": ora no alto de sua fortaleza, a Rocca Maggiore, tremulava a bandeira do Papa, ora a do Imperador.

Como todo jovem ambicioso de sua época, Francisco desejava conquistar, além da fortuna, também a fama e o título de nobreza. Para tal, fazia-se necessário tornar-se herói em uma dessas freqüentes batalhas. No ano de 1201, incentivado por seu pai, que também ansiava pela fama e nobreza, Francisco partiu para mais uma guerra que os senhores feudais, baseados na vizinha cidade de Perúsia, haviam declarado contra a Comuna de Assis.

Durante os combates, em uma tarde de inverno, Francisco caiu prisioneiro, sendo levado para a prisão de Perúgia, onde permaneceu longos e gelados meses. Para um jovem cheio de vida como ele, a inércia da prisão deve ter sido especialmente dolorosa! Somente seu espírito alegre, seu temperamento descontraído e seu gosto pela música o salvaram do desespero. Encontrava ainda forças para reconfortar e reanimar a seus companheiros de infortúnio.

Costumava dizer, em tom de brincadeira para seus companheiros: "Como quereis, que eu fique triste, sabendo que grandes coisas me esperam? O mundo inteiro ainda falará de mim!"

Ao término de um ano foi solto da prisão, retornando para Assis, onde se entregou novamente aos saudosos divertimentos da juventude e às atividades na casa comercial de seu pai.

3. O Início da Conversão

O clima insalubre da prisão, agravado pelos prolongados meses de inverno, haviam-lhe enfraquecido o organismo, provocando agora uma grave enfermidade. Depois de longos meses de sofrimento, sem poder sair da cama, finalmente conseguiu melhorar.

Ao levantar-se, porém, não era mais o mesmo Francisco. Sentiu-se diferente, sem poder compreender o porquê. A verdade é que a humilhação e o sofrimento da prisão, somados ao enfraquecimento causado pela doença, provocaram profundas mudanças no jovem Francisco.

Foi o caminho que Deus escolheu para entrar mais profundamente em sua vida. Já não sentia mais prazer nas cantigas e banquetes em companhia dos amigos. Começou a perceber a leviandade dos prazeres puramente terrenos, embora ainda não buscasse a Deus. Na verdade, Francisco não nasceu santo, mas lutou muito para se tornar santo!

No livro "Francisco", o autor Gianmaria Polidoro (Editora Vozes) lembra que entre 1202 e 1205 encontramos um Francisco inquieto. Não é apenas a consequência de uma doença longa e misteriosa. É a inquietude de quem está incerto quanto ao rumo a dar à própria vida e se põe em estado de busca. Não sabe precisamente onde quer terminar, mas sente que, ao longe, um futuro desconhecido o chama.

Foi nessa época que começou a pensar um pouco sobre a vida de cavaleiro. Era o tempo das cruzadas, das lutas especiais, dos cantos trovadorescos de Orlando de Ronscisvale. Tornar-se cavaleiro? Poderia ser uma idéia.

4. Mais uma guerra

Francisco havia perdido o gosto pelos prazeres mundanos, mas conservava ainda a ambição da fama. Por esse motivo, sonhava com a glória das armas e a nobreza, que se conquistavam nos campos de batalha. Por isso, aderiu prontamente ao exército que o Conde Gentile de Assis estava organizando para ajudar o Papa Inocêncio III na defesa dos interesses da Igreja. Contou para isso com a aprovação entusiasmada do pai, que vislumbrava aí a oportunidade tão longamente esperada de enobrecer sua família. Deus, porém, lhe reservava algumas surpresas …

Antes de partir, num impulso de generosidade, Francisco cedeu a um amigo mais pobre os ricos trajes e a armadura caríssima que havia preparado para si.

Partiu de Assis, entre aplausos dos assisienses, esfusiante de entusiasmo. Mas não foi longe. Já na cidade de Espoleto, ele e os companheiros pararam para pernoitar. Na hora da retomada da marcha, sintomas de febre fizeram com que Francisco não pudesse partir. Foi, então, que teve uma experiência modificante de sua vida. Pensou ter ouvido a voz do Senhor, com quem dialogou:

– Francisco, o que é mais importante, servir ao Senhor ou servir ao servo?

– Servir ao Senhor, é claro – respondeu o jovem.

– Então, por que te alistas nas fileiras do servo?

– Senhor, o que quereis que eu faça?

– Volta a Assis – lhe diz a voz – e ali te será dito.

5. Retorno a Assis

Desafiando os sorrisos de desdém dos vizinhos e a cólera de Pedro Bernardone, contrariado em seus projetos, Francisco retornou a Assis, dando prova da energia de seu caráter e do valor do seu ânimo, virtudes que se mostrariam valiosas mais tarde nos percalços de seu novo caminho.

Começou a longa busca e a longa espera: “O que Deus quer de mim? O que Ele quer que eu faça?” Era esse o constante questionamento de Francisco.

Sentia um vazio dentro de si, que as festas, farras, bebedeiras e guerras não conseguiam mais preencher. Estava inquieto e insatisfeito, mas não sabia bem por quê.

Em vão tentaram seus amigos atraí-lo outra vez para suas diversões, banquetes e trovas. Até o fizeram coroar, durante uma festa, como o “Rei da Juventude”, mas nada disso o comoveu. Já não era isso que o atraía. Sua busca era outra …

Para tentar desvendar os desígnios de Deus, passou a se dedicar à oração e à meditação. Percorria campos e florestas em busca de lugares mais tranquilos, em busca de respostas para suas dúvidas e inquietações. Para ele, tudo passou a ter outro sentido. Passou a enxergar as coisas com outros olhos e outro coração.

6. Viagem a Roma

Em busca de respostas, decidiu viajar para Roma, isso no ano de 1205. Visitou a tumba do Apóstolo São Pedro e, indignado pelo que viu, exclamou: "É uma vergonha que os homens sejam tão miseráveis com o Príncipe dos Apóstolos!" E jogou um grande punhado de moedas de ouro, contrastando com as escassas esmolas de outros fiéis menos generosos.

A seguir, trocou seus ricos trajes com os de um mendigo e fez sua primeira experiência de viver na pobreza. Voltou a Assis, à casa paterna, entregando-se ainda mais à oração e ao silêncio.

Frequenta sempre mais os ermos perto de São Damião, pequena e mal conservada igreja do campo, a meio caminho na estrada que de Assis desde para a planície, até a estrada que vai para a França.

A família e os amigos estavam preocupados com o jovem Francisco: o que lhe estaria acontecendo? Será que ainda estava em pleno juízo? Seu pai, então, não se conformava! Não era isso que ele tinha sonhado para seu filho! Indignado, forçava-o a trabalhar cada vez mais em seu estabelecimento comercial.

Era o ano de 1205!

7. O beijo no leproso

Segundo o escritor Gianmaria Polidoro, em "Francisco" (Vozes), entre os anos de 1205 e 1206, não sabemos qual de dois grandes acontecimentos tenha tido a precedência na perturbação da calma eremítica de Francisco, sempre pensativo quanto ao caminho a seguir. Não foi através da meditação que descobriu a estrada certa. Encontrou-a diante de si no exato momento em que se viu envolvido por duas extraordinárias experiências que lhe abriram um horizonte excitante: o encontro com o leproso na planície de Assis e a voz do Crucifixo que lhe falou em São Damião.

Em 1206, passeando a cavalo pelas campinas de Assis, viu um leproso, que sempre lhe parecera um ser horripilante, repugnante à vista e ao olfato, cuja presença sempre lhe havia causado invencível nojo.

Mas, então, como que movido por uma força superior, apeou do cavalo, e, colocando naquelas mãos sangrentas seu dinheiro, aplicou ao leproso um beijo de amizade. Talvez a motivação para este nobre e significativo gesto tenha sido a recordação daquela frase do Evangelho: "Tudo o que fizerdes ao menor de meus irmãos, é a mim que o fazeis" (Mt 10,42).

Falando depois a respeito desse momento, ele diz: "O que antes me era amargo, mudou-se então em doçura da alma e do corpo. A partir desse momento, pude afastar-me do mundo e entregar-me a Deus".

8. O Crucifixo de São Damião

Pouco depois, entrou para rezar e meditar na pequena capela de São Damião, semidestruída pelo abandono. Estava ajoelhado em oração aos pés de um crucifixo, que a piedade popular ali venerava, quando uma voz, saída do crucifixo, lhe falou: "Francisco, vai e reconstrói a minha Igreja que está em ruínas".

Não percebendo o alcance desse chamado e vendo que aquela Igrejinha estava precisando de urgente reforma, Francisco regressou a Assis, tomou da loja paterna um grande fardo de fina

fazenda e vendeu-a. Retornando, colocou o dinheiro nas mãos do sacerdote de São Damião, oferecendo-se para ajudá-lo na reconstrução da capela com suas próprias mãos. Conhecendo o caráter de Pedro Bernardone, é fácil imaginar sua cólera ao ver desfalcada sua casa comercial e perdido o seu dinheiro.

Não bastava já o desfalque que dava ao entregar gratuitamente mercadorias e alimentação para os necessitados? Agora mais essa! E Francisco teve que se esconder da fúria paterna. Certo dia saiu resolutamente a mendigar o sustento de porta em porta na cidade de Assis.

Para Bernardone isso já era demais! Como podia ele envergonhar de tal forma sua família? Se seu filho havia perdido o juízo, era necessário encarcerá-lo! Assim, Francisco experimentou mais uma vez o cativeiro, desta feita num escuro cubículo debaixo da escada da própria casa paterna. Pelo que sabemos, depois de alguns dias, movida pela compaixão, sua mãe abriu-lhe às escondidas a porta e o deixou partir livremente para seguir o seu destino.

9. Uma decisão corajosa

Ao final de 1206, Pedro Bernardone, convencido de que nem as razões nem a força podiam torcer o ânimo de Francisco, decidiu recorrer ao Bispo, instaurando-se um julgamento como nunca aconteceu na história de outro santo. O palco do julgamento foi a própria Praça Comunal de Assis, bem à vista de todos.

Bernardone exigiu que seu filho lhe devolvesse tudo quanto recebera dele. Francisco, ciente da sentença de Cristo: "Quem ama o seu pai ou a sua mãe mais que a Mim, não é digno de Mim" (Mt 19,29), sem vacilar um momento se despojou de tudo até ficar nu, jogou os trajes e o dinheiro aos pés de seu pai, e exclamou: "Até agora chamei de pai a Pedro Bernardone. Doravante não terei outro pai, senão o Pai Celeste".

O Bispo, então, o acolheu, envolvendo-o com seu manto. Daquele momento em diante, cantando "Sou o arauto do Grande Rei, Jesus Cristo", afastou-se de sua família e de seus amigos e entregou-se ao serviço dos leprosos, tratando de suas feridas, e à reconstrução das Capelas e Oratórios que cercavam a cidade.

Cada dia percorria as ruas mendigando seu pão e convidando as pessoas para que contribuíssem com pedras e trabalho na restauração das "Casas de Deus" que estavam em ruínas.

10. O louco de Assis

De alguns recebia apoio e incentivo. De muitos, o desprezo e a zombaria. No entender da maioria, o filho de Pedro Bernardone havia perdido completamente o juízo! E não só a garotada da cidade escarnecia dele, chamando-o de louco e outros qualificativos menos nobres.

Mais de uma vez sentiu-se tentado a voltar atrás, quando chegava à porta de seus antigos amigos; mas saía vitorioso nessas lutas entre o orgulho humano e o próprio ideal. Já alguns começaram a reconhecer nele traços do futuro santo, embora ele mesmo ainda não conhecesse claramente sua vocação.

Estava já terminando a restauração da última Igrejinha da redondeza, a capelinha de Santa Maria dos Anjos (na foto abaixo) e perguntava-se o que faria depois. O que mais lhe pediria Deus? Não havia entendido ainda que a Igreja que devia restaurar não era a de pedra, mas a própria Igreja de

Cristo, enfraquecida na época pelas divisões, heresias e pelo apego de seus líderes às riquezas e ao poder. Devia ser aquele o ano de 1209.

Certo dia, Francisco escutou, durante a missa, a leitura do Evangelho: tratava-se da passagem em que Cristo instruía seus Apóstolos sobre o modo de ir pelo mundo, "sem túnicas, sem bastão, sem sandálias, sem provisões, sem dinheiro no bolso …" (Lc 9,3).

Tais palavras encontraram eco em seu coração e foram para ele como intensa luz. E exclamou, cheio de alegria: "É isso precisamente o que eu quero! É isso que desejo de todo o coração!" E sem demora começou a viver, como o faria em toda a sua vida, a pura letra do Evangelho. Repetia sempre para si e, mais tarde, também para seus companheiros: "Nossa regra de vida é viver o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo"!

11. Os primeiros seguidores

A partir daquele dia, Francisco iniciou sua vida de pregador itinerante, percorrendo as localidades vizinhas e pregando, em palavras simples, o Evangelho de Cristo.

Em documento algum consta que Francisco, depois de ouvir o Evangelho na Porciúncula, tenha saído à procura de seguidores. Não tinha a mínima intenção, nem mesmo a idéia, de inventar uma comunidade.

Muitos começaram, enfim, a compreender o sentido dessa vida e manifestaram o desejo de seguí-la. O primeiro foi um homem rico de Assis, Bernardo de Quintaval.

Bernardo era uma pessoa sensível à voz da consciência, mas também um homem muito prático. Inquietou-se com a vida de Francisco; no entanto, antes de se pronunciar quis estudar o homem. Convidou-o à sua casa com veneração e amizade; uma casa que, nas suas estruturas externas, pode ser vista ainda hoje na rua que leva o seu nome: Rua Bernardo de Quintavalle. Mais de uma vez convidou Francisco para visitá-lo. Depois dessas visitas, teve a certeza de que o filho de Pedro de Bernardone não era louco nem embusteiro.

Ao perguntar para Francisco: "O que devo fazer para seguir-te"?, este decidiu, como em todos os momentos decisivos de sua vida, recorrer ao Evangelho para que o próprio Cristo lhes desse a resposta.

12. O caminho do Evangelho

De manhã, bem cedo, foram ambos à missa. Pelo caminho juntou-se aos dois Pedro de Catânia, doutor em Direito e novo companheiro. Por três vezes abriram o livro do Evangelho, e as três respostas que encontraram foram as seguintes:

"Se queres ser perfeito, vende o que tens e dá-o aos pobres. Depois vem e segue-me" (Mt 19,21).

"Não leveis nada pelo caminho, nem bastão, nem alforge, nem uma segunda túnica…" (Lc 9,3).

"Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz cada dia e siga-me" (Mt 16,24).

“Isto é o que devemos fazer, e é o que farão todos quantos quiserem vir conosco” – exclamou Francisco, que subitamente viu brilhar uma luz sobre o caminho que ele e seus companheiros deveriam seguir. Finalmente encontrou o que por tanto tempo havia procurado! Isto aconteceu a 24 de fevereiro de 1208, dando início à fundação da Fraternidade dos Irmãos Menores.

No mesmo dia, Bernardo de Quintaval vendeu todos os seus bens e repartiu o dinheiro entre os pobres de Assis.

13. O primeiro sacerdote franciscano

O exemplo de Bernardo produziu frutos. O primeiro é o sacerdote Silvestre, que exclamou comovido: “Como posso eu, sacerdote e velho, ser menos generoso que estes jovens e ricos?” E, sem mais, lançou-se com eles na aventura de viver o Evangelho. Tornou-se, assim, o primeiro sacerdote da Ordem Franciscana!

Prontamente aderiram outros: Gil, um modesto lavrador que se tornaria um grande santo; Morico, dedicado ao serviço dos leprosos; Bárbaro, futuro missionário no Oriente; Sabatino, Bernardo de Viridiante, João de Constança, Ângelo, da ilustre família dos Tancredo, aparentado com reis e príncipes; Felipe, grande pregador; e muitos outros…

Juntos, formaram um grupo de mendigos voluntários (daí o adjetivo de Ordem Mendicante dado à Ordem Francicana), que trabalhavam e rezavam, cantavam e pregavam, maravilhando o povo com a novidade do Evangelho sendo vivido diante de seus próprios olhos. Algumas choupanas cobertas de folhagem, no pitoresco vale do Rivotorto, serviam-lhes de modesto abrigo.

14. A aprovação da Igreja

No ano de 1209, Francisco e seus seguidores viajaram até Roma para buscar a aprovação do Papa para o seu modo de vida. Mas como aquele bando de mendigos, maltrapilhos e desconhecidos seria recebido pelo severo Inocêncio III? Francisco rezava e confiava. Afinal, não era o próprio Cristo que o estava conduzindo? Por coincidência ou providência divina, encontrava-se em Roma, nessa ocasião, o Bispo de Assis, grande admirador de Francisco. Graças a ele o Papa os recebeu.

Inocêncio III ficou maravilhado com o propósito de vida daquele grupo e, especialmente, com a figura de Francisco, a clareza de sua opção e a firmeza que demonstrava. Reconheceu nele o homem que há pouco vira em sonho, segurando as colunas da Igreja de Latrão (a igreja-mãe de todas as Igrejas do mundo!), que ameaçava ruir. O Papa reconheceu que era o próprio Deus quem inspirava Francisco a viver radicalmente o Evangelho, trazendo vida nova a toda a Igreja, naquele tempo tão distanciada dos ensinamentos de Cristo! Por isso deu a seu modo de viver o Evangelho a aprovação oficial da Igreja. Autorizou Francisco e seus seguidores a pregar o Evangelho nas igrejas e fora delas e os despediu com sua bênção.

Em 1212, 18-19 de março, na noite de domingos de Ramos, a nobre Clara di Favarone foge de casa e é recebida na Porciúncula. Em 1217, no dia 5 de maio, realiza-se o Capítulo Geral de Pentecostes na Porciúncula. Primeira missão para além dos Alpes e ultramarina. É feita a instituição de províncias.
Em 1219, no outono (setembro-dezembro), Francisco vai ao acampamento do sultão do Egito, Melek-el-Kamel (1218-38), e tem “entrevista”com ele.

O movimento franciscano cresce e Francisco entrega o governo da Ordem a Frei Pedro Cattani em 1220.
Em 1224, no período de 15 de agosto a 29 de setembro, Francisco, com Frei Leão e Frei Rufino, passa no Alverne, preparando-se com uma quaresma de oração e jejum para a festa de São Miguel Arcanjo. Em setembro, tem a visão do Serafim alado e recebe os estigmas.
Seu estado de saúde piora muito a partir deste ano. Era final de agosto, em 1226, pede para ser levado à Porciúncula. Chegado à planície, lança sua bênção sobre Assis. Nos últimos dias de vida, dita o Testamento, autotestemunho de incalculável valor para a vida e os propósitos de homem tão singular.

No dia 3 de outubro, à tarde, Francisco, morreu cantando "mortem suscepit". No domingo seguinte, 4 de outubro, é sepultado na igreja de São Jorge, na cidade de Assis, mas o cortejo fúnebre passou antes pelo mosteiro das Clarissas. No dia 16 de julho de 1228, Francisco foi canonizado.

Para Refletir:

1. Após fazer uma leitura desta pequena biografia, destaque 5 momentos da Vida de São Francisco que mais lhe chamaram à atenção. Faça um paralelo desses 5 momentos com sua vida pessoal, apontando avanços e desafios para sua caminhada franciscana.
2. Comece a ler uma Biografia de São Francisco. Eis algumas sugestões:

   Para quem está começando:

   - Legenda dos Três Companheiros.
   - Vida de São Francisco – Tomás de Celano
   - Legenda Maior de São Boaventura
   Publicadas pelas Vozes e também disponível no site:
   https://www.capuchinhosrs.org.br/base/franciscanismo/fontes-biograficas

   LEHARTMANN, Jorge. Francisco, o irmãos sempre alegre. Ed. Loyola e Canção Nova.
   LARRAÑAGA, Inácio . O irmão de Assis. Ed. Paulinas

   Para quem já leu alguma biografia de São Francisco e quer se aprofundar:
   MICOLI, Giovanni. Francisco de Assis. Publicação da CFFB
   SPOTO, Donald. Francisco de Assis. O Santo Relutante. Editora Objetiva.
   HESSE, Herman. Francisco de Assis. Editora Record.
   BOFF, Leonardo. São Francisco de Assis: Ternura e Vigor. Editora Vozes

   Todos os livros sugeridos estão disponíveis na Biblioteca da Vila Franciscana.

II – Contexto Social em que viveu Francisco

No final de 1181 ou início de 1182, “nasceu no mundo um sol”, como afirma Dante Alighieri em sua clássica Divina Comédia (Paraíso, Canto XI), cantando o nascimento de Francisco di Bernardone na pequena Assis. Embora as referências à família de Bernardone sejam poucas e limitadas, sabe-se que seu o pai do futuro Frei Francisco era Pedro Bernardone, um comerciante de tecidos. Quanto a sua mãe, Joana, alguns atribuem-lhe o nome de Pica, um cognome gentílico, relativo a Picardia, uma região da França em que florescia a indústria e o comércio de tecidos, a partir de meados do século XII, pesquisadores acham muito provável a que ali tenha nascido a mãe de Francisco. Segundo o primeiro biógrafo, Tomás de Celano, Francisco recebeu de sua mãe o nome de João, na ausência de seu pai que estava em viagem por motivo de negócios. Quando voltou, Pedro Bernardone exigiu que o recém-nascido recebesse o nome de Francisco, François – o “francês” ou mesmo “francesito”. Francisco era um nome desconhecido na Itália, o pai deve ter-lhe dado esse nome por influência da valorização de tudo que vinha de além do Alpes.

A França de Felipe Augusto exercia muita influência na cultura do Ocidente nos finais do século XII e início do século XIII, marcando a Úmbria, sobretudo, na literatura, nos ideais cavalheirescos e na poesia palaciana. Romances de aventura, canções de gesta e de amor, amor corpóreo exaltado pela ética cortês, através do qual se pode chegar ao amor transcendente, o amor a Deus. Francisco, podemos dizer, inicia sua conversão espiritual nas sendas da ética cortês onde gostava de cantar pelas ruas de Assis, canções de trovadores e de romances carolíngios e arturianos, exaltando personagens dos ciclos bretões, fatos esses bem atestados pelos companheiros e narrado pelas biografias. Desse modo, o apreço de Francisco pela língua e literatura francesas, devido ao contexto histórico, é muito mais do que simplesmente uma possível origem francesa de sua mãe, eram as influências de uma cultura que provocava mudanças.

A infância e juventude de Francisco di Bernardone [1], embora não abundante de dados, é cercada por mitos e lendas. A princípio sabemos que ele teve um irmão chamado Ângelo, como atestado por Tomás de Celano. Sobre as relações familiares, pelas narrativas sabemos que tinha muitos conflitos com o pai, o qual se enfurecia com ele por causa de suas peripécias, sua mãe lhe protegia diante da fúria do pai, e o irmão dele fazia ironia. A Legenda dos Três Companheiros deixa transparecer, em suas linhas e entrelinhas, que os pais amavam Francisco com extrema ternura, embora demonstradas de formas diferentes. O caráter hagiográfico das primeiras biografias, pintam a juventude de Francisco com tons muitos escuros para depois exaltar a sua conversão com tons miraculosos e linguagem marcada por beleza e heroicidade, como convinha ao gênero literário da época. Nos Escritos de Francisco, sobre essa época, temos no Testamento uma palavra sua onde fala que “viveu em pecado” antes de “fazer penitência”, contrapondo “antes-depois”, com os clássicos adjetivos “amargo-doce”. A Vida Segunda e a Legenda dos Três Companheiros equilibram os contrastes apresentados pela Vida Primeira.

Quanto à educação, sabemos que o pequeno Francisco di Bernardone recebeu a instrução básica na escola paroquial de São Jorge, tendo ali as primeiras lições de língua latina e os rudimentos de leitura e escrita. Privilégio para um jovem de nove anos de idade (1191), uma vez que a maioria das pessoas não sabia ler, escrever e calcular. Francisco por volta dos quatorze anos de idade (1196) chega à sua maioridade e é iniciado no negócio de seu pai, adquirindo experiência concreta na manipulação de dinheiro, atividade que demonstra habilidade e a qual influencia diretamente as relações sociais.

O comércio era uma das atividades mais importantes da cidade. Com os artesãos, os comerciantes colocaram em ‘crise’ o regime feudal criando verdadeira movimentação contra a dependência política e a favor de relações mais igualitárias. Nasceu desse movimento a

burguesia que foi se consolidando até fazer ruir o regime feudal com a instalação da comuna, independência e autonomia da cidade. Logicamente, este movimento social não se dava sem guerras, as quais marcaram profundamente o jovem Francisco.

O jovem Francisco viveu em um tempo marcado por guerras, lutas entre senhores e reis, e buscou os ideais da Cavalaria, tão cantados pelos poetas e trovadores. Francisco nutriu a ambição de ser cavaleiro e ganhar um lugar de destaque em meio aos nobres, e estar ligado ao senhor e ao castelo. O cavaleiro fazia parte de uma elite especializada no combate a cavalo, mas também estava ligado a torneios e ao divertimento. Além disso, era tido como herói, uma pessoa de virtudes, cortês e galante. Francisco, com seu espírito jovial, festivo e musical queria fazer parte disto. O desejo de Francisco de se tornar um Cavaleiro, rapidamente ganhou oportunidades.

Em 1198, a Rocca Maggiore, símbolo da potência imperial, é destruída pela população sendo reforçada com suas pedras a muralha da cidade, Francisco contava com seus dezesseis anos de idade. Nos anos seguintes, 1199 e 1200 dá-se início, em Assis, à revolução comunal, guerra entre burgueses e nobres, menores que expulsam os maiores, os quais se refugiam em Perusa. Francisco, já se encontra entre as tropas da comuna, com seus dezoito anos de idade. Por volta de dois anos mais tarde, em 1202, o jovem assisense é preso na batalha de Collestrada, na disputa entre Assis e Perusa, e fica um ano nos cárceres frios de Perusa. Em 1203 é libertado, tendo seu pai pagado seu resgate, conforme o costume da época. Posteriormente em 1204, Francisco passa por um prolongado tempo de doença.

A paz ainda demoraria alguns anos para reinar em Assis, e as diferenças entre os maiores e os menores, estavam longe de serem resolvidas. Francisco após esse período de prisão passa por um longo tempo de enfermidade e começa a se "questionar" sobre a vida. Em meados de 1205, tenta novamente ir para Apúlia, como soldado, mas em Espoleto, por meio de um sonho é convidado a regressar a Assis e tem-se início o seu processo de conversão.

A conversão de Francisco [2], se dá em meio a este mundo onde conviviam ideais ortodoxos e heréticos. Deus, no entanto, tinha reservado para Francisco outro caminho, o caminho da mística. Desses meandros, veio a tão sonhada renovação espiritual, fruto da intensa emanação da graça divina. No ano de 1205, começa a viragem existencial de Francisco, com o regresso de Espoleto, e se estende até meados de 1208, com a revelação do gênero de vida que devia seguir com seus futuros companheiros, os quais chamaria de Cavaleiros da Távola Redonda.[3]

O interior de Francisco, começou a ser habitado por uma voz até então "estranha". As sucessivas batalhas em nome de senhores da terra, estava dando lugar à "batalha" de sua vida, com o Senhor dos Senhores. Francisco, ao invés dos campos de batalha agora buscava a solidão dos vales, a agitação dava lugar a meditação. Nestes vales, acontece o primeiro encontro místico de seu itinerário espiritual, o encontro com o leproso. Episódio que venceria para sempre qualquer segmentação entre vida espiritual e mundana, estabelecendo a comunhão universal entre todas as criaturas. No leproso, que até então lhe causava repugnação, viu a Cristo e beijando-lhe e abraçando-lhe, selou a paz. Com esta atitude, Francisco, como uma trombeta, anunciou aos sete ventos a dignidade de qualquer pessoa, em qualquer circunstância, porque Cristo, porque irmão! Francisco, no próximo, no maltrapilho, no doente e no descriminado pelo poder e pelo dinheiro, encontrou a Deus, o mesmo Deus que lhe falou, posteriormente, em São Damião, Igrejinha junto às muralhas de Assis.

Vale ressaltar aqui o lugar que ocupavam os leprosos nesta época: de total exclusão. Quando se descobria que alguém havia contraído a doença, esta pessoa era expulsa da cidade pelos próprios familiares e vizinhos que ficavam com medo de serem contaminados e também expulsos. Os leprosos viviam fora dos muros das cidades, em meio à matas, em grutas e próximos aos córregos. Quando vinham à cidade mendigar alguma comida ou roupa, tinha que carregar, obrigatoriamente, um sininho que indicava seu estado de inferioridade e de repugnância. Todos fugiam deles. Os mais caridosos deixavam em algum canto na porta das

casas um donativo, mas sem qualquer contato com o leproso. Por isso, foi tão significativo e encontro de Francisco com o Leproso. “O que era amargo tornou-se doçura da alma e do corpo”, dirá Francisco em seu Testamento.

Em São Damião, Francisco, de joelhos diante daquele grande crucifixo de madeira, ouviu dos lábios de Cristo, Deus lhe falando: “Francisco, vai e repara minha casa que ameaça ruir!”, Francisco se viu agitado violentamente diante de Cristo na Cruz, esse segundo encontro com o Cristo continuou transformando sua vida. Ele, então, não hesitou em cumprir o mandato daquelas palavras e começou a reformar aquele edifício em ruínas, e posteriormente, outros. Trabalhou, pediu esmolas, foi tido como louco, louco de Cristo, para Cristo.

Só mais tarde compreenderá a grandeza de sua vocação. Reconstruir a igreja de Cristo que estava em ruínas, não os templos, mas as estruturas, as pessoas... seu testemunho de pobreza evangélica foi um grande sol para as trevas em que tinha mergulhado a igreja medieval.

Referências

VAUCHEZ, André. Francisco de Assis, Entre História e Memória. Tradução de José David Antunes e Noémia Lopes. Lisboa: Instituto Piaget, 2013.

MENDOZA, Celina A. Lértora. San Francisco de Asís: Escritos Espirituales. Trad. Hno. José Antonio Guerra y Hno. Julio Herranz. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: El Hilo de Ariadna, 2014. TEIXEIRA, Celso Márcio. Francisco de Assis: o homem e seu mundo. MOREIRA, Alberto da Silva (Org.). São Francisco e as Fontes Franciscanas. Bragança Paulista: IFAN – Editora Universitária São Francisco, 2007.

_____

[1] Conferir: Mercador ou Cavaleiro? Juventude de um filho de rico, em: VAUCHEZ, 2013. p. 30-42; e também: Francisco de Assis, em: MENDOZA, 2014, p. 55-63.

[2] Conferir: A Viragem existencial (1205-1206), em: VAUCHEZ, 2013. p. 43-53.

[3] Conferir: Entre a vida eremítica e vagabundagem religiosa (1206-1208), em: VAUCHEZ, 2013. p. 54-58.

Para Refletir

1. Qual foi a novidade do Movimento Francisco para a sociedade e igreja do início do século XIII?
2. Como a história de Francisco em um contexto específico de 800 anos atrás ilumina nossa vida em pleno século XXI ?

Sugestão de Leitura:
Se ainda não leu o Livro – **Francisco de Assis. O retorno ao Evangelho. De Eloi Leclerc** – vale à pena ler. Ele faz uma excelente contextualização de Francisco com o tempo em que viveu.

III – O que dizem a respeito de Francisco?

Esta série de citações falam de Francisco, esse ser simples que recebeu as confidências do Senhor e esse homem novo que nos ajuda a buscar a novidade de vida respondendo ao convite do Papa Francisco. Não podemos trilhar caminhos batidos. Francisco, simples e serenamente humilde, Francisco é aquele que cria o novo em sua vida, que não caminha por trilhas batidas, o homem de um novo século. Atrás dos "homens novos" dos tempo atuais segue o lobo domesticado pela vida de homens parecidos com Francisco de Assis.

Francisco, se abre à doçura de Deus

"Francisco não foi de início um modelo de doçura. Suas ambições o havia atirado à guerra: à guerra voluntária como caminho para a glória. Mas ele encontrou Cristo e, finalmente, se o universo se transfigurou aos seus olhos foi porque o seu coração se abriu à grande doçura de Deus. Francisco soube domesticar sua própria agressividade. Converteu o lobo, aquele lobo que não vive apenas nas florestas, mas que se oculta em cada um de nós… E o lobo feroz se tornou fraternal. Aquela força de combate e de crueldade metamorfoseou-se numa energia de amor, numa força criadora de comunhão entre os seres" **(E.Leclerc, O sol nasce em Assis, Vozes, p. 95).**

Francisco, homem do século futuro

"Ninguém é capaz de compreender quanto se comovia quando pronunciava vosso nome, Senhor santo. Parecia um outro homem, um homem do outro mundo, todo cheio de júbilo e do mais puro prazer" (1Celano 82). O Dicionário Franciscano insiste no novo em Francisco: "Francisco parecia aos seus contemporâneos um homem que, de certa maneira, voltou às suas origens e é também o homem dos últimos tempos. Sua presença era como de uma nova luz enviada do céu para dissipar as trevas do mal. Ele é "o novo evangelista destes últimos tempos que mostrou o caminho e a verdade do Filho de Deus. Com ele, o mundo vive uma nova juventude, a Igreja é "renovada", os cristãos adquirem o espírito novo (1Cel 89). É realmente notável esse sentido de novidade que o biógrafo coloca em destaque.Trata-se da novidade da vida futura já presente e vivida nele: é sinal bem visível em sua pessoa do caráter efêmero deste mundo e mostra tangível da bem-aventurada realidade escatológica deste novo mundo" **(Dicionário Franciscano, Leonardo Izzo, p. 775).**

O cristianismo vivo que reina no mundo proveio de Francisco

Transcrevo reflexões de Éloi Leclerc a respeito de Francisco que quase nos parecem exageradas: "A propósito de Francisco de Assis, escreve o historiador Georges Duby na obra Le Temps des cathédrales: "De parceria com Cristo foi Francisco o grande herói da história cristã. Pode-se afirmar sem exagero que o que hoje resta de cristianismo vivo provém diretamente dele (Le Temps des cathédrales, Gallimard, 1976, p. 170). Poderá parecer exagerada esta opinião. Mas sem qualquer exagero é legítimo pensar e dizer com P. Lippert que "se Deus algum dia conceder à Igreja a ordem religiosa do futuro, para a qual se já se voltam muitos olhares, essa ordem apresentará sem dúvida os traços espirituais de Francisco de Assis (P. Lippert, La Bonté, Aubier 1946, p. 120). (**E. Leclerc,** Caminho de Contemplação, pro-manuscripto, p.43).

Francisco leva o homem a crer na bondade divina

"Francisco é dessas figuras da qual a humanidade sempre sentirá orgulho. Suas qualidades forçam a simpatia; seus defeitos, se os tem, são atraentes; sua santidade nada tem de exotérico, afetado ou ameaçador, seus dons naturais suscitam em geral admiração; seus ensinamentos exalam tal frescor, poesia e serenidade, que mesmo espíritos embotados podem encontrar neles razões para amar a vida e crer na bondade divina" (**Omer Englebert**, Vida de São Francisco de Assis. Trad. Frei Adelino Pilonetto. EST Edições, Porto Alegre, 2004, p.9).

Francisco, original e genial

Francisco de Assis é personagem original e genial, situado entre 1182, data de seu nascimento, e 1226, ano de sua morte. A respeito de nenhum santo tanto se escreveu como a seu respeito, na frente de todos os textos da literatura religiosa. Por ele se interessaram historiadores, literatos, teólogos, sociólogos, filósofos, artistas, cineastas, etc. Na lista de admiradores seus estão católicos, protestantes, ortodoxos, heterodoxos, racionalistas, panteístas e até ateus devotos. Conservadores e reformistas, tradicionalistas, revolucionários, místicos e ecologistas nele se apoiam para justificar teses e antíteses, tradições ou contradições. Trata-se de um personagem a respeito do qual muito se falou, precisamente este que se propôs a pouco falar e pouco escrever. Descobrimos esse personagem não só em seus escritos e palavras, mas também em suas obras, seus gestos, atitudes e insinuações, inclusive por seus silêncios e provocações. Francisco de Assis é um santo com inumeráveis e contrastantes interpretações. Talvez essa riqueza de perspectivas oculte a autêntica realidade de sua existência e cause um certo desconcerto. Nisto reside a pluralidade de famílias que disputam sua autenticidade. É o santo mais interpreta e, por isso, o santo mais desfigurado, convertendo-se, assim, num santo enigmático. O Poverello impacta por sua simpatia, simplicidade, humanidade e bondade, inclusive por suas contradições. Evoca serenidade, humanidade e poesia. Cativa por sua nobreza, ternura e desinteresse. Soube sincronizar admiravelmente santidade com poesia, canto com sofrimento, alegria com pobreza, amabilidade com austeridade, Evangelho com humanidade, imanência com transcendência, mística com ação, religiões com os problemas mais contundentes da vida. É um cavaleiro da fé, que caminha sem duplicidade nem arrogância, mas com audácia e decisão querendo atingir os fins a que se propôs. Toma distância das mentiras piedosas, desconhece os pensamentos medíocres. Não suporta a vulgaridade, nada tem de cumplicidade com subterfúgios fáceis nem melindres oportunistas. Sabe respeitar a todos os que destacam sem ser um barato bajulador. Não precisa bajular a ninguém. Despreza os bens temporais e não tem nenhuma pretensão de grandeza nem ânsia de galgar postos grandiosos da sociedade ou da Igreja porque acredita que a própria existência é graça e nobreza. A maior que lhe pode ser tributada é realçar sua magnanimidade. Foge do servilismo, embora sirva a todos. Desmascara as lisonjas dos aduladores e servis. Consegue ser totalmente livre sem fazer concessões ao egoísmo e à extravagância" (**José Antonio Merino**, Francisco de Asís, santo enigmático e provocador, Encarte, Vida Nueva, n. 2663).

Esse 'revolucionário' Francisco

Chesterton escreveu uma apaixonante biografia sobre o santo. Dele retenho, por necessidade de brevidade, uns poucos parágrafos. "Não é possível ler racionalmente a história de um homem apresentado como espelho de Cristo sem compreender sua fase final como Homem das Dores e, sem ao menos apreciar artisticamente a propriedade de ele ter recebido, numa nuvem de mistério e de isolamento, e não provocadas por mão humana, as feridas sempre abertas que curam o mundo" (…). A vinda de São Francisco foi como o nascimento de uma criança numa casa escura que tivesse acabado por uma maldição; uma criança que cresce sem ter consciência da tragédia e que a vence pela inocência. Nele, é preciso não só inocência como desconhecimento. É da essência da história que ele se jogue na grama verde sem ver se ela esconde um cadáver ou que suba numa macieira sem saber que ela é a forca de um suicida. Foi essa anistia e reconciliação que o frescor do espírito franciscano trouxe ao mundo" (São Francisco de Assis. A Espiritualidade da Paz, Ediouro, 2001, p. 18 e 171).

Francisco olha o mundo com olhos de criança

"Hoje como outrora, os Pobres de Javé veem aparecer o Reino de Deus naquilo que há de mais frágil no mundo: o olhar duma criança: "Foi nos dado um filho…": este oráculo do profeta Isaías continua a ser válido, pois encerra o futuro do mundo. Os viandantes da noite, os

desorientados das sombras, viram surgir uma luz: e esse arrebol de aurora brilha no olhar de uma criança. Maravilhoso paradoxo: uma criança, um ser indefeso, tão fraco que nem é capaz de falar, nem sequer sabe falar e é ela que nos vem transmitir a Palavra na sua plenitude! Nos seus ombros minúsculos e frágeis repousa a onipotência! A sua fragilidade, para quem saiba entendê-la, é princípio, criação, novidade imprevisível. No seu olhar brilha a infância divina. É ela, essa criança, a grande comunicação de Deus ao mundo. Tal como o Criador, também o homem, enfim, a quis desde o princípio. Diz-se que foi o Pobre de Assis o inventor do presépio de Natal. Pelo menos contribuiu para divulgar esta prática devota. Mas o mais importante é o fato de ele ter visto e ter feito ver com outros olhos o acontecimento do Natal: com um coração de pobre e com olhos de criança. "Eu quereria ver com os meus próprios olhos, dizia ele, o Menino, tal como ele era, deitado numa manjedoura, a dormir sobre o feno, entre um boi e um jumento.." Era uma ideia nova e infantil por um lado, mas por outro lado maravilhosa e genial, como só os poetas a costumam ter: a de ver e fazer ver, com olhos de criança, o próprio Deus no seu gesto de "ternura". Era isso o mais importante para o futuro do mundo. Numa sociedade de mercadores, dominada pela paixão do dinheiro, tornava-se urgente dar a ver a toda gente a gratuidade de Deus. Num mundo onde os clérigos sonhavam com a teocracia, era urgente mostrar a todos a humildade de Deus. E num tempo de cruzadas e guerras santa, nada mais necessário do que fazer ver a ternura de Deus. Enquanto a cristandade, ufana de si mesma, sonhava em celebrar a sua própria epifania, erguendo cada vez mais altas para o céu as torres e flechas das catedrais, como um Te Deum flamejante, Francisco de Assis e seus primeiros companheiros, contemplavam, na penumbra de um estábulo, Deus a vir ao mundo na fragilidade de uma criança. Chegavam assim à fonte maravilhosa. E abrindo-se a esta comunicação com Deus, transformavam-se naquilo que contemplavam: nasciam para a vida divina. E em alegria criadora restituíam a Deus o mundo, a humanidade e o próprio Deus" (**E. Leclerc,** Caminho de Contemplação, op.cit.p. 53-54).

Homilia do **Papa São João Paulo II**, no dia 04 de Outubro de 2013, em Assis:

"Eu te bendigo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondestes estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequenos" (Mt 11, 25).

Paz e bem a todos! Com esta saudação franciscana agradeço-vos por terem vindo aqui, nesta praça, cheia de história e de fé, para rezarmos juntos.

Hoje também eu, como tantos peregrinos, vim aqui para bendizer o Pai por tudo aquilo que quis revelar a cada um destes "pequenos" de que fala o Evangelho: Francisco, filho de um rico comerciante de Assis. O encontro com Jesus o levou a despojar-se de uma vida confortável e despreocupada para casar-se com a "Mãe Pobreza" e viver como verdadeiro filho do Pai que está nos céus. Esta escolha, por parte de São Francisco, representava um modo radical de imitar Cristo, de revestir-se Daquele que, rico que era, fez-se pobre para enriquecer-nos por meio da sua pobreza (cfr Cor 8, 9). Em toda a vida de Francisco, o amor pelos pobres e a imitação de Cristo pobre são dois elementos unidos de modo indissociável, as duas faces de uma mesma moeda.

O que testemunha São Francisco a nós, hoje? O que nos diz, não com as palavras – isto é fácil – mas com a vida?

1. A primeira coisa que nos diz, a realidade fundamental que nos testemunha é esta: ser cristãos é uma relação vital com a Pessoa de Jesus, é revestir-se Dele, é assimilação a Ele.

De onde parte o caminho de Francisco rumo a Cristo? Parte do olhar de Jesus na cruz. Deixar-se olhar por Ele no momento em que doa a vida por nós e nos atrai para Ele. Francisco fez esta experiência de modo particular na pequena Igreja de São Damião, rezando diante do crucifixo, que também eu pude venerar hoje. Naquele crucifixo, Jesus não aparece morto, mas vivo! O sangue escorre das feridas das mãos, dos pés e dos lados, mas aquele sangue exprime vida. Jesus não tem os olhos fechados, mas abertos, grandes: um olhar que fala ao coração. E o crucifixo não nos fala de derrota, de fracasso; paradoxalmente nos fala de uma morte que é vida, que gera vida, porque fala de amor, porque é Amor de Deus encarnado, e o Amor não morre, antes, vence o mal e a morte. Quem se deixa olhar por Jesus crucificado é re-criado, transforma-se uma "nova criatura". Daqui parte tudo: é a experiência da Graça que transforma, o ser amado sem mérito, mesmo sendo pecadores. Por isto Francisco pode dizer, como São Paulo: "Quanto a mim, não pretendo, jamais, gloriar-me, a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo" (Gal 6,14).

Nós nos dirigimos a ti, Francisco, e te pedimos: ensina-nos a permanecer diante do Crucifixo, a deixar-nos guiar por Ele, a deixar-nos perdoar, recriar pelo seu amor.

2. No Evangelho, escutamos estas palavras: "Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós e recebei minha doutrina, porque eu sou manso e humilde de coração" (Mt 11, 28-29).

Esta é a segunda coisa que Francisco nos testemunha: quem segue Jesus, recebe a verdadeira paz, aquela que só Ele, e não o mundo, pode nos dar. São Francisco é associado por muitos à paz, e é justo, mas poucos seguem em profundidade. Qual é a paz que Francisco acolheu e viveu e nos transmite? Aquela de Cristo, passada através do amor maior, aquela da Cruz. É a paz que Jesus Ressuscitado deu aos discípulos quando apareceu em meio a eles (cfr Jo 20, 19.20).

A paz franciscana não é um sentimento "piegas". Por favor: este São Francisco não existe! E nem é uma espécie de harmonia panteísta com as energias do cosmo… Também isto não é franciscano! Também isto não é franciscano, mas é uma ideia que alguns construíram! A paz de São Francisco é aquela de Cristo, e a encontra quem "toma sobre si o seu jugo", isso é, o seu mandamento: Amai-vos uns aos outros como eu vos amei (cfr Gv 13,34; 15,12). E este jugo não se pode levar com arrogância, com presunção, com soberba, mas somente se pode levar com mansidão e humildade de coração.

Dirigimo-nos a ti, Francisco, e te pedimos: ensina-nos a sermos "instrumentos da paz", da paz que tem a sua origem em Deus, a paz que nos trouxe o Senhor Jesus.

3. Francisco inicia o Cântico assim: "Altíssimo, onipotente, bom Senhor… Louvado sejas, com todas as criaturas" (FF, 1820). O amor por toda a criação, pela sua harmonia! O Santo de Assis testemunha o respeito por tudo aquilo que Deus criou e como Ele o criou, sem experimentar sobre a criação para destruí-la; ajudá-la a crescer, a ser mais bela e mais similar àquilo que Deus criou. E, sobretudo, São Francisco testemunha o respeito por tudo, testemunha que o homem é chamado a proteger o homem, que o homem esteja no centro da criação, no lugar onde Deus – o Criador – o quis. Não instrumento dos ídolos que nós criamos! A harmonia e a paz! Francisco foi homem de harmonia, homem de paz. Desta Cidade da Paz, repito com a força e a mansidão do amor: respeitemos a criação, não sejamos instrumentos de destruição! Respeitemos cada ser humano: cessem os conflitos armados que ensanguentam a terra, silenciem-se as armas e então o ódio dê lugar ao amor, a ofensa ao perdão e a discórdia à união.

Ouçamos o grito daqueles que choram, sofrem e morrem por causa da violência, do terrorismo ou da guerra, na Terra Santa, tão amada por São Francisco, na Síria, no Oriente Médio, em todo o mundo.

Dirigimo-nos a ti, Francisco, e te pedimos: alcançai-nos de Deus o dom que neste nosso mundo nos seja harmonia, paz e respeito pela Criação!

O **Papa Bento VI** disse em sua Catequese do dia 27 de janeiro de 2010:

"Foi dito que Francisco representa um alter Christus, que era verdadeiramente um ícone vivo de Cristo. Ele foi chamado também "o irmão de Jesus". De facto, era este o seu ideal: ser como Jesus; contemplar o Cristo do Evangelho, amá-lo intensamente, imitar as suas virtudes. Em particular, ele quis dar um valor fundamental à pobreza interior e exterior, ensinando-a também aos filhos espirituais. A primeira bem-aventurança do Sermão da Montanha – bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus (Mt 5, 3) – encontrou uma luminosa realização na vida e nas palavras de São Francisco. Deveras, queridos amigos, os santos são os melhores intérpretes da Bíblia; eles, encarnando na sua vida a Palavra de Deus, tornam-na atraente como nunca, de modo que fala realmente connosco. O testemunho de Francisco, que amou a pobreza para seguir Cristo com dedicação e liberdade totais, continua a ser também para nós um convite a cultivar a pobreza interior para crescer na confiança em Deus, unindo também um estilo de vida sóbrio e um desapego dos bens materiais.

Em Francisco o amor a Cristo expressou-se de modo especial na adoração do Santíssimo Sacramento da Eucaristia. Nas Fontes franciscanas lêem-se expressões comovedoras, como esta: "Toda a humanidade tema, o universo inteiro trema e o céu exulte, quando no altar, na mão do sacerdote, está Cristo, o Filho do Deus vivo. Ó favor maravilhoso! Ó sublimidade humilde, que o Senhor do universo, Deus e Filho de Deus, a tal ponto se humilhe que se esconda para a nossa salvação, sob uma modesta forma de pão" (Francisco de Assis, Escritos, Editrici Franciscane, Pádua 2002, 401).

Neste ano sacerdotal, apraz-me recordar também uma recomendação dirigida por Francisco aos sacerdotes: "Quando quiserem celebrar a Missa, puros de modo puro, façam com reverência o verdadeiro sacrifício do santíssimo Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo" (Francisco de Assis, Escritos, 399). Francisco mostrava sempre uma grande deferência em relação aos sacerdotes, e recomendava que fossem sempe respeitados, também no caso de serem pessoalmente pouco dignos. Dava como motivação deste profundo respeito o facto de que eles receberam o dom de consagrar a Eucaristia. Queridos irmãos no sacerdócio, nunca esqueçamos este ensinamento: a santidade da Eucaristia pede que sejamos puros, que vivamos de modo coerente com o Mistério que celebramos.

Do amor a Cristo nasce o amor às pessoas e também a todas as criaturas de Deus. Eis outra característica da espiritualidade de Francisco: o sentido da fraternidade universal e o amor pela criação, que lhe inspirou o célebre Cântico das criaturas. É uma mensagem muito actual. Como recordei na minha recente Encíclica Caritas in veritate, só é sustentável um desenvolvimento que respeite a criação e que não danifique o meio ambiente (cf. nn. 48-52) e na Mensagem para o Dia Mundial da Paz deste ano ressaltei que também a construção de uma paz sólida está relacionada com o respeito da criação. Francisco recorda-nos que na criação se manifesta a sabedoria e a benevolência do Criador. A natureza é entendida por ele precisamente como uma linguagem na qual Deus fala connosco, na qual a realidade se torna transparente e nós podemos falar de e com Deus.

Queridos amigos, Francisco foi um grande santo e um homem jubiloso. A sua simplicidade, a sua humildade, a sua fé, o seu amor a Cristo, a sua bondade para cada homem e mulher fizeram-no feliz em todas as situações. De facto, entre a santidade e a alegria subsiste uma relação íntima e indissolúvel. Um escritor francês disse que no mundo só existe uma tristeza: a de não ser santo, isto é, de não estar próximo de Deus. Olhando para o testemunho de São Francisco, compreendemos que é este o segredo da verdadeira felicidade: tornar-nos santos, próximos de Deus!"

O **Papa Francisco** na sua Encíclica Laudato Si', parágrafos 10 a 12, diz o seguinte:
"Francisco é o exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade. É o santo padroeiro de todos os que estudam e trabalham no campo da ecologia, amado também por muitos que não são cristãos. Manifestou uma atenção particular pela criação de Deus e pelos mais pobres e abandonados. Amava e era amado pela sua alegria, a sua dedicação generosa, o seu coração universal. Era um místico e um peregrino que vivia com simplicidade e numa maravilhosa harmonia com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo. Nele se nota até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior.

O seu testemunho mostra-nos também que uma ecologia integral requer abertura para categorias que transcendem a linguagem das ciências exactas ou da biologia e nos põem em contacto com a essência do ser humano. Tal como acontece a uma pessoa quando se enamora por outra, a reacção de Francisco, sempre que olhava o sol, a lua ou os minúsculos animais, era cantar, envolvendo no seu louvor todas as outras criaturas. Entrava em comunicação com toda a criação, chegando mesmo a pregar às flores «convidando-as a louvar o Senhor, como se gozassem do dom da razão».[19] A sua reacção ultrapassava de longe uma mera avaliação intelectual ou um cálculo económico, porque, para ele, qualquer criatura era uma irmã, unida a ele por laços de carinho. Por isso, sentia-se chamado a cuidar de tudo o que existe. São Boaventura, seu discípulo, contava que ele, «enchendo-se da maior ternura ao considerar a origem comum de todas as coisas, dava a todas as criaturas – por mais desprezíveis que parecessem – o doce nome de irmãos e irmãs».[20] Esta convicção não pode ser desvalorizada como romantismo irracional, pois influi nas opções que determinam o nosso comportamento. Se nos aproximarmos da natureza e do meio ambiente sem esta abertura para a admiração e o encanto, se deixarmos de falar a língua da fraternidade e da beleza na nossa relação com o mundo, então as nossas atitudes serão as do dominador, do consumidor ou de um mero explorador dos recursos naturais, incapaz de pôr um limite aos seus interesses imediatos. Pelo contrário, se nos sentirmos intimamente unidos a tudo o que existe, então brotarão de modo espontâneo a sobriedade e a solicitude. A pobreza e a austeridade de São Francisco não eram simplesmente um ascetismo exterior, mas algo de mais radical: uma renúncia a fazer da realidade um mero objecto de uso e domínio.

Por outro lado, São Francisco, fiel à Sagrada Escritura, propõe-nos reconhecer a natureza como um livro esplêndido onde Deus nos fala e transmite algo da sua beleza e bondade: «Na grandeza e na beleza das criaturas, contempla-se, por analogia, o seu Criador» (Sab 13, 5) e «o que é invisível n'Ele – o seu eterno poder e divindade – tornou-se visível à inteligência, desde a criação do mundo, nas suas obras» (Rm 1, 20). Por isso, Francisco pedia que, no convento, se deixasse sempre uma parte do horto por cultivar para aí crescerem as ervas silvestres, a fim de que, quem as admirasse, pudesse elevar o seu pensamento a Deus, autor de tanta beleza.[21] O mundo é algo mais do que um problema a resolver; é um mistério gozoso que contemplamos na alegria e no louvor."

Para Refletir:

1. O que mais lhe chamou à atenção nas descrições de Francisco feitas ao longo deste capítulo de nosso estudo?
2. Escreva um texto com o título "Como vejo Francisco de Assis" e compartilhe no grupo de WhatsApp da Fraternidade.

IV – Uma outra face de Francisco de Assis

Entrevista com Chiara Frugoni

São Francisco de Assis é um dos santos mais populares da Igreja Católica. Aliás, existem muitos não católicos que se dizem fiéis ao Pobre de Assis. Muito disso é atribuído à sua relação com o meio ambiente e com a forma despojada que vivia. O próprio Jorge Mario Bergoglio, ao escolher ser chamado Papa Francisco, quer alinhar esse ícone ao seu pontificado.

Na Encíclica Laudato Si', o pontífice mais uma vez revela o quanto se orienta pelo simbolismo franciscano. No entanto, o próprio Papa traz questões de fundo que dão pistas, apontam para algo mais em São Francisco de Assis. É algo que transcende a candura do monge pobre, que amava a natureza. Há uma mística muito intensa no santo, por vezes dura e nem tão romântica.

Essa faceta é objeto de estudo da historiadora italiana Chiara Frugoni. "Ele decidiu aplicar o Evangelho ao pé da letra e seguir a vida de Cristo, para espalhar uma mensagem de amor e de paz", explica, ao referir que essa tarefa, por vezes, o colocava em choque com a própria Igreja.

É como se dessa necessidade de aplicar o Evangelho derivasse a urgência de viver desprendido de tudo, como fruto integral da Criação. Para Chiara, tamanho desprendimento fazia São Francisco levar uma vida singela, simples como a dos animais. Assim, vivendo com despojamento quase animal, poderia ser "como as aves do céu, livres para voarem com total liberdade". No entanto, na prática, fazer essa mística se materializar em ações era algo extremamente complexo. A postura de Francisco de Assis o colocou em oposição até aos seus pares. "Enquanto a Igreja, em armas, sonhava, em nome de Deus, conquistar a Terra Santa e aniquilar também fisicamente os muçulmanos, Francisco explicava aos frades como deviam viver entre os muçulmanos", exemplifica a historiadora.

Chiara Frugoni é historiadora italiana, especialista da Idade Média e da história da Igreja. É uma das maiores especialistas na vida de São Francisco de Assis. É autora de diversos livros, entre os quais citamos Invenções da Idade Média. Óculos, livros, bancos, botões e outras invenções geniais (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007); Vita di un uomo: Francesco d'Assisi, com prefácio de Jacques Le Goff (Torino: Einaudi, 2005); Una solitudine abitata. Chiara d'Assisi (Roma: Laterza, 2006); Storia di Francesco, il santo che sapeva ridere (Roma:

Laterza, 2006); Il cammino di Francesco. Natura e incanto nella Valle Santa Reatina (Milão: Federico Motta Editore, 2006) e Storia de Chiara e Francesco (Torino: Einaudi, 2011).

A entrevista originalmente foi publicada pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU no dia 02-08-2015.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quem de fato foi Francisco de Assis? Quais eram os pontos de divergência com o alto clero?

Chiara Frugoni - Desde o momento de sua conversão, pode-se dizer, São Francisco não inventou nada, mesmo quando suas decisões tinham alcance revolucionário. Ele decidiu aplicar o Evangelho ao pé da letra e seguir a vida de Cristo, para espalhar, por toda parte, uma mensagem de amor e de paz.

Para alcançar a paz, algumas premissas cheias de consequências eram necessárias: por exemplo, nada possuir, nem em comum, nem em particular. O bispo Guido I [1], a quem o futuro Santo recorria muitas vezes para um conselho confidente, depois de uma difícil missão em Marca de Ancona [2], havia manifestado sérias preocupações com a vida da fraternidade. Essa vida lhe parecia "áspera e amarga" demais por "não quererem possuir nada neste mundo". Assim, o bispo recebeu de Francisco uma resposta contundente: "Se tivéssemos bens, precisaríamos de armas para proteger-nos, porque é da posse dos bens que surgem problemas e disputas. Desta maneira, estaríamos impedindo, de muitos modos, o amor a Deus e o amor ao próximo" [3]. Francisco queria viver como os animais, sem possuir nada, como as aves do céu, livres para voarem com total liberdade.

Ao longo da vida constantemente golpeada por guerras, cruzadas e lutas, Francisco nunca pronunciou sequer uma palavra agressiva. Qualquer palavra referente à guerra está ausente da sua linguagem. Enquanto a Igreja, em armas, sonhava, em nome de Deus, conquistar a Terra Santa e aniquilar também fisicamente os muçulmanos, Francisco, na Regra de 1221, Regula non bullata, isto é, que não recebeu a bula de chumbo, o selo papal de aprovação, explicava, no capítulo XVI, aos frades como deviam viver entre os muçulmanos: "sem brigas, nem disputas". Só quando em situação de respeito mútuo poderiam tentar falar de Deus. Caso contrário, contentar-se-iam em dar bom exemplo.

Dessas referências vê-se o quanto Francisco estava longe da ideologia eclesiástica do seu tempo. Com seu modo característico de tratar os problemas, nunca expressou desacordo com o Papa ou com a hierarquia. Não acusou, nem repreendeu quem agia de maneira oposta ao seu modo de entender, mas bastava-lhe mostrar seu agir diferente. Enquanto a Igreja pregava cruzadas, Francisco ia ao encontro dos muçulmanos, considerando-os seus próprios vizinhos, mostrando, a quem até então só tinha conhecido a violência dos cristãos, a mansidão do Evangelho, que os cruzados, enquanto cristãos, deviam ser os arautos. Diante de uma Igreja envolvida em questões políticas, uma Igreja rica, Francisco mostrava seus pés e os de seus companheiros descalços.

IHU On-Line - Qual modelo de religiosidade propunha? Como se dá a conexão com o meio ambiente?

Chiara Frugoni - Francisco, porque Cristo fez-se homem, sentia-se irmão de Jesus. E por isso mantinha uma forte relação com Deus Pai, Deus criador, cheio de gratidão pelo plano divino, do qual ele também, como criatura, sentia-se parte. Exatamente por isto respeitava profundamente a natureza. Não pensava ter direito, enquanto homem, de explorar e destruir.

Para perceber e valorizar a diferença com os outros religiosos de seu tempo, vale alguns exemplos: os monges cistercienses e camaldulenses, além da oração e da penitência, cuidavam de comercializar madeira. Por isso, sua relação com a floresta era, embora numa escala minúscula, próxima à maioria de nós. As árvores eram vistas como recursos para explorar. Por isso, os monges intervinham na natureza, não só desmatando, mas privilegiando as espécies mais adequadas à construção de edifícios, com a monocultura do carvalho, faias e pinheiros.

É diferente da relação dos franciscanos que extraíam da floresta apenas o suficiente para o consumo próprio. Não só isso: Francisco queria os troncos serrados de maneira que as árvores pudessem reflorescer [6]. Também queria uma parte da horta não cultivada, para que as "irmãs" flores silvestres se mostrassem com toda sua beleza e "convidassem qualquer um que as olhasse a louvar a Deus!" [7].

IHU On-Line - Como entender a mística de São Francisco de Assis?

Chiara Frugoni - Durante sua vida, repetidamente, Francisco declarou ter certeza de que Deus lhe revelara como deveria levar uma vida radicada no Evangelho com seus companheiros. Isso tudo sem propriedades, nem próprias, nem em comum, totalmente pobres frades, como outros pobres, partilhando com eles da mesma precariedade de vida, material e psicológica. Com um vestuário mínimo, pés descalços como os apóstolos, sempre em caminho, os frades deviam espalhar por toda parte a mensagem de amor e de paz de Cristo, usando palavras simples, sem necessidade de estudos ou de preparação erudita.

IHU On-Line – Como se davam as contestações a Francisco dentro da própria ordem?

Chiara Frugoni - A primeira Regra de Francisco chegada até nós, a chamada Regra Não Bulada de 1221, não tinha sido aprovada pelo Papa e nem pela maioria dos frades.

A impaciência de grande parte dos companheiros com relação aos compromissos assumidos, nos primeiros tempos, era tão evidente que fez o santo preferir demitir-se da liderança da Ordem, em 1220, ficando apenas uma pedra incômoda de comparação (nomeou Pietro Cattani como "vigário", mas logo falecido, em março de 1221, foi substituído, em seguida, por Elias). A Regra Não Bulada fixava normas bastante genéricas, projetada para pequenos números e dirigida para companheiros animados pelo mesmo entusiasmo e espírito de abnegação.

Os frades, no entanto, aumentaram vertiginosamente em número, e não conseguiram manter o mesmo nível de empenho e entusiasmo dos primórdios. Além disso, uma parte deles acreditava numa organização mais articulada e específica para uma ordenada vida comunitária. Também a segunda Regra, a chamada Regra Bulada, aprovada pelo Papa Honório III [8], em 1223, embora marcada por forte interferência da Cúria, segundo uma parte dos frades, podia ser ulteriormente interpretada e modificada em sentido menos restritivo.

Em poucas palavras: a Ordem de Francisco teve imediato e extraordinário sucesso, mas os frades, tornando-se milhares, não estavam mais à altura de Francisco e dos seus primeiros companheiros.

A proposta de Francisco era dirigida aos leigos, o que foi uma novidade importantíssima. Queria que seus companheiros continuassem trabalhando, grátis, é claro. Só podiam aceitar comida para um dia, sem acumular suprimentos para o dia seguinte. Não podiam viver em casas de alvenaria, mas em cabanas feitas de galhos. Se não estivessem em caminho, deviam viver nos leprosários e curar os leprosos. Não podiam pedir esmolas em dinheiro, porque isso seria "roubar dos pobres." Tinha grande respeito às mulheres, e seu projeto foi originalmente concebido aberto para homens e mulheres.

IHU On-Line - Como eram recebidos os preceitos de Francisco de Assis? Por que há tantas contradições entre as inúmeras biografias?

Chiara Frugoni - Todas essas ideias de São Francisco não foram bem aceitas, nem pela Igreja de Roma, nem por muitos frades, muitos dos quais sacerdotes, que, no entanto, tinham entrado na Ordem. Eles queriam estudar, ter bons códigos, viver em conventos espaçosos, ter uma biblioteca e fazer-se manter pela comunidade dos fiéis em troca do serviço que prestavam. Entre os serviços estão a pregação, aconselhamento para bem confessar-se e também para um bom testamento (muitas vezes os fiéis deixavam, por gratidão, suas propriedades aos franciscanos).

Além disso, os frades recusavam-se decididamente à pobreza total. Com uma série de dispositivos legais, tornaram-se ricos: todos os bens eram formalmente da Igreja e os franciscanos mantinham apenas seu uso. Por meio dos chamados procuradores, pessoas de fora da Ordem, que manejavam o dinheiro, os frades também podiam manejá-lo.

Parte dos frades não concordava, e via de forma negativa essas transformações. Essas tensões refletiram-se dentro da Ordem nas diferentes biografias. Aquelas oficiais procuravam adaptar a figura do santo à evolução histórica da Ordem. Mas havia também biografias não oficiais, que queriam lembrar o que parecia ser a verdade sobre Francisco e sobre sua proposta de vida cristã.

O Francisco de Boaventura

Frade Boaventura [9], como Ministro geral, escreveu uma biografia oficial. Em 1266 tornou-se a única biografia oficialmente admitida. A destruição das anteriores foi uma operação conduzida meticulosamente e com grande sucesso, única na Idade Média desta magnitude.

Foi uma das maiores "fogueiras" medievais, envolvendo centenas e centenas de manuscritos, pois em cada convento franciscano — no momento da primeira biografia (1228-1229) de Tomás de Celano [10] havia cerca de mil e quinhentos — havia pelo menos uma Vida do Fundador, uma Legenda compendiada era inserida no breviário de cada frade, e uma biografia reduzida fazia parte dos objetos litúrgicos das igrejas, não só dos Menores, para ser cantada na Oitava da festa ou ao menos no natalício.

Gregório IX [11], de fato, havia estabelecido que o aniversário do santo fosse celebrado também pelos outros institutos de vida de perfeição: quando Boaventura, por exemplo, promulgou a ordem de destruição das biografias, os cenóbios cistercienses eram cerca de 650. Devemos, sobretudo, ao historiador protestante Paul Sabatier [12] (1858-1928) o fato de algumas das biografias anteriores à de Boaventura terem sido encontradas. Talvez fossem representantes de um único manuscrito, em alguns mosteiros bem distantes de Assis, onde a caça franciscana não tinha chegado. Durante séculos, Francisco foi o Francisco de Boaventura.

Um santo menos revolucionário e mais doce

Boaventura empurrou para um segundo plano ou apagou as propostas mais "revolucionárias" de Francisco. Todas sempre baseadas na aplicação ortodoxa do Evangelho. Foi ele que fez de Francisco um santo adocicado, como uma estatueta de presépio. Desta forma fixou e difundiu uma imagem unívoca de Francisco que se tornou especialmente o santo dos estigmas, o milagre possivelmente menos imitável.

Pedia para admirar Francisco, cuja carne fora como que "divinizada" pelo estrondoso milagre, mas não para tomá-lo como modelo, porque era impossível alcançar as alturas da sua santidade. Os frades deviam seguir outros santos franciscanos, tanto mais tradicionais, que a Ordem já podia recomendar. Por exemplo, o culto Santo Antônio de Pádua [13].

Francisco permanece o grande fundador, mas inacessível, fechado num relicário, em razão das feridas divinas. A Ordem, deste modo, estava livre para fazer todas as mudanças que a maioria dos frades pedia, e que os vários papas, desde Gregório IX, o santo que canonizou Francisco, aprovavam.

Notas:

[1] Bispo Guido: é descrito pelas fontes como aquele que apoiava e aconselhava Francisco e seus companheiros. Era tido como conselheiro e confidente. Quando Francisco e seus primeiros frades foram a Roma para pedir aprovação pontifícia para a forma de vida deles, encontraram-se com o bispo Guido. Quando São Francisco morreu, o bispo Guido, que estava em peregrinação, teve uma visão sobre o fato ocorrido em Assis. Nas biografias do santo, o bispo Guido surge no momento crucial do conflito entre o jovem Francisco e seu pai, Pedro de Bernardone. (Nota da IHU On-Line)

[2] Marca anconitana: (também chamada de Marca anconetana ou Marca de Ancona) era uma das quatro províncias, instituídas pelo Papa Inocêncio III (1198-1216) no primeiro ano de seu pontificado, como uma divisão dos Estados Pontifícios. Os territórios provinciais eram regidos por funcionários nomeados pelo papa, chamados de reitores. Tal província foi confirmada na Constituição egidiana de 1357, promulgada pelo cardeal Gil Álvarez Carrillo de Albornoz, mais conhecido na Itália como Egidio Albornoz. Sua capital não era, como muitos acreditam, Ancona, mas sim a cidade de Macerata. (Nota da IHU On-Line)

[3] Legenda trium sociorum, cap. IX, par. 35. (Nota da entrevistada)

[4] Ordem de Cister: também conhecida como ordem cisterciense, é uma ordem monástica católica reformada. (Nota da IHU On-Line)

[5] Ordem dos Camaldulenses: também conhecida como Congregação Camaldulense da Ordem de São Bento, é uma ordem religiosa católica de clausura monástica pertencente à família dos Beneditinos. (Nota da IHU On-Line)

[6] Tommaso de Celano, Memoriale, cap. CXXIV, 165 (Nota da entrevistada)

[7] Scripta Leonis, Rufini et Angeli Sociorum s. Francisci, ed. e trad. inglesa de R.B. Brooke, cap. 51 (Nota da entrevistada)

[8] Papa Honório III (1148–1227): 177º Papa da Igreja Católica. Convocou um Concílio em Paris em 1226, que condenou a heresia dos Albigenses. Foi árbitro na questão da primazia entre Braga e Toledo, que se arrastava desde o tempo de Inocêncio III, a que pôs termo, em 1218, com as bulas Cum tu, frater, enviada ao arcebispo de cabido de Toledo, e Cum venerabilis frater, ao arcebispo e cabido de Braga. Acabou com os litígios do bispo de Coimbra com os Templários, por causa das igrejas de Ega, Pombal e Redinha, e com o mosteiro de Santa Cruz. Confirmou a D. Afonso II os privilégios concedidos pelos seus antecessores a Portugal, que toma debaixo da proteção da Santa Sé, bula Manifestis probatum, de 1218. Concede indulgências e outras graças aos cruzados da 5ª cruzada que tomaram parte na conquista de Alcácer do Sal, aos que contribuíssem para a defesa dessa praça e para a guerra contra os Mouros e aos que fortificassem e guardassem os lugares pertencentes aos freires de Évora. (Nota da IHU On-Line)

[9] São Boaventura (1221-1274): bispo franciscano, filósofo, confessor e doutor da Igreja. Foi uma das mais poderosas inteligências de seu tempo e de toda a história da Igreja. Discípulo de Alexandre de Hales, era amigo e companheiro de lutas do dominicano Tomás de Aquino. Tiveram ambos carreiras paralelas, juntos combateram os erros de doutores de Paris inimigos das Ordens mendicantes. Ambos faleceram relativamente jovens, no mesmo ano. Boaventura teve, diferentemente de Tomás, uma vida muito ativa que não lhe permitiu dedicar todo o seu tempo ao estudo. Também conseguiu superar a disputa interna de seus pares a respeito do voto de pobreza. Em 1273, foi nomeado cardeal-bispo de Albano e, no segundo Concílio de Lyon, desempenhou papel fundamental na reconciliação entre o clero secular e as ordens mendicantes. Foi nesse encontro que São Boaventura morreu, em 15 de julho de 1274. Homem tão inteligente quanto humilde, foi declarado doutor da igreja e canonizado em 1482. (Nota da IHU On-Line)

[10] Tomás de Celano (1200–1265): frade católico medieval da Ordem dos Franciscanos, um poeta e também um escritor, sendo autor de três obras de cariz biográfico sobre São Francisco de Assis. Em 1221, Tomás foi enviado para o Sacro Império Romano-Germânico com Caesarius de Speyer para promover ali a Ordem dos Franciscanos. Em 1223, ele foi nomeado para o cargo de Custos Unicus da Ordem na província da Renânia, que incluiu conventos em Colónia, Mogúncia, Worms e Speyer. Após alguns anos, voltou à Itália, onde ele se retirou para o resto de sua vida. Em 1260, ele foi liquidado no seu último posto como diretor espiritual do convento das Clarissas em Tagliacozzo, onde morreu nalgum momento entre 1260 e 1270. Ele foi primeiro sepultado na igreja de S. Giovanni dei Val Varri e depois reenterrado na igreja de S. Francesco em Tagliacozzo. (Nota da IHU On-Line)

[11] Papa Gregório IX (1160-1241) foi o 178º papa, de 1227 a 1241. Foi importante incentivador dos dominicanos e dos franciscanos, tendo sido amigo pessoal do próprio São Francisco de Assis. Organizou a Inquisição Pontifícia com o objetivo de reprimir as heresias, com a promulgação da bula "Licet ad capiendos" em 20 de abril de 1233, dirigida aos dominicanos, que passaram a liderar o trabalho de investigação, julgamento, condenação e absolvição dos hereges. Canonizou S. Francisco de Assis dois anos após sua morte, S. Domingos de Gusmão e Santo Antonio de Lisboa. (Nota da IHU On-Line)

[12] Paul Sabatier (1858-1928): teólogo franciscano e historiador, dedicou-se inteiramente ao estudo da história religiosa, particularmente no campo franciscano, no qual ele alcançou notoriedade e autoridade internacional. Estava entre os defensores mais autorizados à criação, em Assis (1902), da Société Internationale des Études Franciscaines. (Nota da IHU On-Line)

[13] Santo Antônio de Pádua (1195-1231): santo franciscano de origem portuguesa, padre e doutor da Igreja. Entrou no mosteiro dos Cônegos Regulares de Santo Agostinho de São Vicente de Fora, perto de Lisboa. Lá ele era professor. (Nota da IHU On-Line)

[14] Albigenses ou cátaros: O catarismo (do grego katharos, que significa puro), foi uma religião cristã da Idade Média, surgida na França no final do século XI, apresentada por alguns como um sincretismo cristão, gnóstico e maniqueísta, manifestado num extremo ascetismo. No entanto, os principais historiadores atuais do catarismo percebem este movimento como intrinsecamente cristão e relativamente independente de movimentos anteriores, derivando sua concepção gnóstica do universo de uma leitura independente das Escrituras Sagradas, especialmente o Novo Testamento. Os cátaros concebiam a dualidade entre o espírito e a matéria, relacionados respectivamente com o bem e o mal absolutos. Foram condenados pelo 4º Concílio Lateranense em 1215 pelo Papa Inocêncio III, e aniquilados por uma Cruzada e pelas ações da Inquisição, tornada oficial em 1233. Os cátaros, que também eram chamados de albigenses, rejeitavam os sacramentos católicos. (Nota da IHU On-Line)

Para Refletir:

1. Em que consiste “a outra face de Francisco” anunciada no título do artigo?
2. Quais as marcas revolucionárias do Carisma Franciscano?

V – Francisco de Assis: um antecipador da História

Olhando com um pouco de atenção para a prática religiosa, social e política de Francisco de Assis e seu Movimento Sócio Histórico, de cunho religioso, de ampla repercussão social e política, datado na idade média, no século XIII, impressiona seu profetismo, sua não acomodação no lugar-comum e nos limites de seu tempo, sua capacidade impressionante de ser contra-cultural, com sabedoria e habilidade. Na verdade, um antecipador do tempo histórico, quase um visionário, um homem do seu tempo, mas muito além de seu tempo. Um antecipador do futuro, não no sentido de um oráculo que prevê e se mantém alheio, mas de criador de energias e processos dinâmicos influenciadores e preparadores da construção de formas novas de viver, conviver, crer e organizar a sociedade.

Nem vou me ater ao que já é senso comum, antecipando em 800 anos as intuições que hoje movem a consciência ecológica a nível mundial, reconhecidas pelas pessoas comuns, pelos mais renomados cientistas e consagradas pelo Papa Francisco que dá ao título de sua Encíclica sobre a Casa Comum e a Ecologia Integral as primeiras palavras do poema emblemático de Francisco de Assis, O Cântico das Criaturas, Louvado Sejas – Laudato Si'.

Refiro-me a outras três intuições e práticas concretas do Mestre de Assis: a Objeção de Consciência e o Movimento Pacifista, a Diplomacia para resolver conflitos bélicos e a Radicalização da Democracia.

O Movimento Pacifista e a Objeção de Consciência
Objeção de consciência é o que alegam e fazem os pacifistas, quando, em nome de sua consciência, negam-se ao serviço militar e a participar de guerras. Muitos países europeus já instituíram leis estabelecendo o Serviço Civil obrigatório para objetores de consciência. Alguns países punem com prisão quem se nega ao serviço militar.

Pois bem. Quando o Movimento Franciscano primitivo ganhou densidade e Francisco passou a ser seguido por multidões de leigos – chegou a constituir uma Ordem Religiosa Leiga – o Santo

de Assis exigia-lhes um voto: não portar armas. E aí, nos constantes e comuns recrutamentos de reis, príncipes, senhores feudais e papas para constituir seus exércitos, os leigos franciscanos recusavam em nome do voto prestado, do juramento feito à Ordem Franciscana. Conta a história que gerou crise de falta de combatentes em algumas regiões da Europa. Foi um dos primeiros grandes movimentos pacifistas da história da humanidade e a objeção de consciência como um instrumento prático de recusa à guerra.

Só muito tempo depois na história, a objeção de consciência veio a ser adotada na sociedade por movimentos pacifistas como forma de contestar a estupidez das guerras e da violência.

Diplomacia

Francisco de Assis foi à Quinta Cruzada, organização bélica destinada a retomar os chamados Lugares Santos do cristianismo, onde viveu e foi assassinado Jesus de Nazaré, controladas territorialmente pelos seguidores do profeta Maomé. Muitas vezes, em nome da fé cristã e da Igreja Católica, as cruzadas foram hordas saqueadoras de riquezas dos povos muçulmanos.

Francisco escandalizou-se com o mundanismo e a ambição que constatou na quinta cruzada, acampada e se preparando para entrar em guerra contra os muçulmanos entrincheirados na cidade de Damieta, no Egito. Pregou aos cruzados, contra a cruzada. Profetizou sua derrota. Foi desprezado e ridicularizado.

Então ele e frei Simplício, que o acompanhava, cruzaram a linha divisória entre os dois exércitos prontos para o combate e foi ao encontro dos muçulmanos na cidade de Damieta.

Lá Francisco conseguiu, após muitas peripécias, ser recebido pelo sultão Malik al Kamil, comandante do Exército do Islã.

Cada um tentou converter o outro, sem sucesso. Por fim, o sultão concedeu salvo conduto a Francisco e Simplício para adentrarem à Terra Santa e visitarem os Lugares Sagrados do cristianismo. E estendeu este salvo conduto a todos os que vestissem o hábito marrom – veste dos frades franciscanos – a transitar livremente pelos lugares santos da fé cristã, sem serem importunados. E atribui-se ao Sultão uma frase lapidar: “ se os cristãos fossem como você, não existiria guerra entre nós”.

A quinta cruzada foi fragorosamente derrotada e humilhada e posteriormente a Santa Sé confiou à Ordem Franciscana o cuidado dos Lugares Santos graças a ação diplomática de São Francisco que continuou a ser respeitada pelos sucessores do Sultão de Damieta.

O tempo ensinou à humanidade a lição de Francisco e a diplomacia passou a ser adotada para evitar guerras e como forma de solução de conflitos entre povos e nações.

Radicalidade Democrática

Na tradição apostólico-conciliar, minoritária e contra hegemônica na história do cristianismo, chama a atenção a radicalidade franciscana na forma de organizar a vida entre seus partícipes. Na tradição da Igreja e da Vida Religiosa até então, em sua esmagadora maioria, o poder interno era exercido na forma monárquica e vitalícia. Além do bispo, o prior do mosteiro ou convento, uma vez escolhido, seu mandato era até a morte.

O grupo que se organiza a redor de Francisco de Assis inaugura formas radicais de igualdade e democracia nas tomadas de decisão interna na organização religiosa em construção. “Todo poder aos Capítulos”, assim poderia se formular a experiência embrionária e profética da democracia franciscana. A própria expressão “Capítulo”, reunião de todos os frades para tomar decisões e escolher os mandatários, fez parte da revolução linguística inaugurada pela Ordem Franciscana. Os mandatários passaram a ser chamados de “ministros”, os que “ministram”, servem, estão à disposição do coletivo; “guardiães”, que guardam, cuidam. “Prior, superior, chefe”, são expressões não questionadas, mas preteridas e não usadas. E o “Capítulo”, com origem etimológica em “cabeça”, é a Assembleia Geral onde todos opinam, onde as divergências se expressam, os conflitos latejam, pugna-se pela formação de laços fraternos apesar dos conflitos e a decisão tomada coletivamente a todos obriga.

E até hoje, nas tradições franciscanas, ao entrar no Capítulo, “todos os cargos caem”, a assembleia é soberana, as funções tem prazo fixado e reeleições são limitadas.

Onde Francisco e seu grupo se inspiraram, em pleno século XIII, para criar este tipo de organização, embora interna, embrionária e profética, com tal radicalidade democrática, cercado por culturas e instituições baseadas em seu contrário, é para mim, embora com limitados conhecimentos em história franciscana, até hoje, um grande mistério. Tendo a acreditar na inspiração da experiência apostólico-conciliar dos primeiros cristãos.

Retorno ao Evangelho

A vida e a prática de Francisco de Assis e seu Movimento reprisam um sempre presente paradoxo do cristianismo: os que retornam com radicalidade ao Evangelho de Jesus e ao compromisso com os pobres e humilhados, projetam o futuro e são projetados para frente e contribuem para construir caminhos novos e melhores para o conjunto da humanidade.

Nosso tempo está conhecendo outro Francisco, com características semelhantes, inspirado na radicalidade do Evangelho e no exemplo do homônimo de Assis.

Frei Sérgio Görgen, ofm

Para Refletir:

1. O autor usa a expessão “um antecipador da história” para se referir a São Francisco de Assis. O que você entende por isso?
2. Qual o apelo de Francisco para nossos tempos no que se refere à organizações de nossas instituições e estado
3. Você se sente “projetado para a frente”? Explique.